

Psicanálise e estrutura familiar na modernidade e pós-modernidade.

Psychoanalysis and family structure in modernity and posmodernity.

MARÍA INÉS SARRAILLET

RESUMO:

O artigo analisa o lugar da psicanálise na configuração da família moderna e pós-moderna. Situa a incidência do discurso freudiano nas variações históricas e culturais da instituição familiar e propõe a perspectiva desmistificadora de J. Lacan como uma posição que permite uma nova orientação na direção das curas.

PALAVRAS-CHAVE: família – psicanálise – história – cultura – modernidade – pós- modernidade – Freud – Lacan.

ABSTRACT:

The article analyzes the place of psychoanalysis in the configuration of the modern and post-modern family. It situates the impact of Freudian discourse on the historical and cultural variations of the family institution and proposes the demystifying perspective of J. Lacan as a position that allows a new orientation in the direction of cures.

KEYWORDS: family – psychoanalysis – history – culture – modernity – post-modernity – Freud – Lacan.

Para esclarecer as relações que se podem estabelecer entre a psicanálise, enquanto teoria, e as várias configurações históricas da instituição familiar, é útil partir de Freud, mas nos termos propostos por Harold Bloom: Freud como a nossa cultura.¹ Este autor considerava que todos somos freudianos, pois Freud parece ter-se tornado uma cultura que é precisamente a nossa. Esta tese coincide com a abordagem de pensadoras do feminismo e estudos de gênero, como Judith Butler e Gayle Rubin, que entendem a psicanálise como uma teoria que determina e reproduz uma forma de parentesco, estabelecido e generalizado, culturalmente entendida e sentida em termos fixos e atemporais.² A crítica de vários antropólogos, de Bronislaw Malinowsky a Franz Boas, entre outros, permite-nos questionar fortemente os princípios psicanalíticos universais relativos aos laços familiares. Este último salienta,

¹ Cf. Bloom, H. (2005). *¿Dónde se encuentra la sabiduría?* Buenos Aires: Taurus.

² Cf. Sarraillet, M. (2023). Estudios de parentesco y psicoanálisis. *El Rey está desnudo*. Año 16. Nro 20. Disponível em [tps://elreyestadesnudo.com.ar/revistas/](https://elreyestadesnudo.com.ar/revistas/).

por exemplo, que o enfoque da psicanálise consolida os nossos pressupostos culturais relativos aos termos usuais de infância, puberdade, adolescência, e promove certos modelos de relações parentais-filiais como sendo comuns a toda a humanidade.³

Psicanálise e família como estrutura cultural

É possível sustentar, então, que a teoria psicanalítica propõe um esquema conceitual sobre um certo tipo de modelo de família que é considerado "natural" na cultura ocidental e, ao mesmo tempo, contribui para a formação desse modelo. Lacan faz um diagnóstico agudo desse problema no *Seminário 2*, na aula denominada Sósias. Numa rápida revisão da história do casal monogâmico no Ocidente, afirma os alcances da chegada da psicanálise:

Atualmente, alcançamos um novo matiz graças à introdução de noções psicanalíticas: o marido passou a ser filho e, desde há algum tempo, as mulheres são ensinadas a tratá-lo bem. Por este caminho, regressamos ao estado de natureza. Esta é a concepção que algumas pessoas formaram sobre a intervenção da psicanálise nas chamadas relações humanas e que, difundida pelos meios massivos de comunicação, ensina a uns e outras como se comportar para que haja paz em casa: que a mulher representa o papel de mãe e o homem o de filho.⁴

Este tipo de crítica irônica à teoria edípica, presente desde o início da sua obra, se sustenta até o fim da mesma, apesar dos equívocos, das opacidades retóricas de seu estilo de transmissão e de algumas posições ambíguas em relação à psicanálise de Freud.

Contexto cultural: o surgimento da psicanálise em relação à família vitoriana

No *Seminário RSI*, Lacan aponta para a emergência de um novo discurso na época do império da rainha Vitória (século XIX). Trata-se de um movimento cultural do coração da Europa (Inglaterra e continente) que envolve, entre outros valores, um reforço do individualismo e a emergência de um modelo de família que coincide precisamente com a forma e o estilo da família imperial. Trata-se de

³ Boas, F. (1981). *Adolescencia y Cultura en Samoa*. Margaret Mead. Prefacio. Buenos Aires: Paidós.

⁴ Lacan, J. (1984). *El Seminario. Libro 2*. Buenos Aires: Paidós. p. 393. (Tradução nossa).

uma forma de amor baseada num ideal de família caracterizado pelo casal companheiro, a rigidez moral e o cumprimento do dever.

Lacan articula o surgimento do inconsciente a estas condições históricas⁵ e propõe a Freud como uma espécie de emanação desse tipo de mutação que afetou tanto o modo de vida quanto às relações sociais. Na verdade, esta mudança estava sendo gestada desde o século XVIII.⁶ Vários autores (Philippe Aries, Edith Badinter, Charles Taylor, Joan Bestard, Martine Segalen, Stephanie Coontz, etc.) concordam em situar uma mudança na modernidade a partir do final do século XVIII, na articulação de certos vetores culturais referentes à relação entre a família e a sociedade.

Freud, na sua teoria, trabalha com este modelo de família que se vem gestando há um ou dois séculos antes do aparecimento do contexto vitoriano e que se consolida nessa altura. Durante o século XVIII, ocorre, justamente, o que Edith Badinter⁷ chama **de primeira revolução familiar** – e o que Gilles Lipovetsky, seguindo Shorter, chama de primeira revolução sexual –,⁸ que mais tarde (no século XIX) teve impacto na sociedade vitoriana, da qual surgiu a psicanálise freudiana. **A segunda revolução familiar** ocorre, no século XX, no coração da pós-modernidade, (anos 50-60-70) devido ao forte impacto das chamadas segunda e terceira ondas do movimento feminista. A psicanálise de Lacan levanta problemas e ideias derivados desta última transformação das relações familiares.

Caracterização da primeira revolução familiar e o lugar da psicanálise freudiana.

Quando J. Lacan, no decurso do *Seminário XIV*, começa a elaborar a sua fórmula "não há relação/proporção sexual", ele o faz opondo a estrutura do ato sexual – como repetição significativa da cena "edípica" –⁹ à doutrina cristã da *uma só cara*, surgida na Idade Média – que concebe a relação entre os dois cônjuges como "uma só carne". Nesta concepção do matrimônio, o casal era representado como um composto carnal-espiritual, referido à vida em comum dos cônjuges, sem qualquer ênfase no vínculo sexual. Segundo Joan Bestard,¹⁰ este tipo de união "carnal" era também representada na figura

⁵ Lacan, J. *Seminário XXII: RSI* (Inédito). Aula de 11 de fevereiro de 1975.

⁶ Há autores que remetem o início desta mutação no século XVI, com a Reforma Protestante. Em Cf. Coontz, S. (2006). *Historia del Matrimonio*. Barcelona: Gedisa. pp. 165 e ss.

⁷ Cf. Badinter, E. (1981). *¿Existe el amor maternal?* Barcelona: Paidós.

⁸ Cf. Lipovetsky, G. (2007). *A terceira mulher. La Tercera Mujer*. Barcelona: Anagrama. p. 20.

⁹ Lacan caracteriza a cena como "edípica" devido a duas condições relativas à lógica da oposição saber/não saber: 1) a opacidade do sujeito (função do inconsciente-não saber) e 2) e sua participação como sabendo-se filho.

¹⁰ Cf. Bestard, J. (1998). *Parentesco y Modernidad*. Buenos Aires: Paidós. pp.173-175.

da Virgem e o menino. Em certas imagens, Cristo era frequentemente representado como estando indissolúvelmente ligado ao ventre de Maria, expressando uma clara ligação à carne.

Note-se que, para Lacan, a ideia de uma fusão entre mãe e filho corresponderia, em psicanálise, a essa lógica da relação baseada na ideia de "uma só carne", ou seja, fazer de dois: um. Daí deriva, segundo ele, a ideia da Mãe como: “[...] o pensamento do Um do casal.”¹¹

Lacan tem especialmente em conta no seu desenvolvimento o protótipo principal da doutrina do casamento como *unitas carnis*, que seria a apresentação de Eva criada com uma costela de Adão.

Este modelo de parentesco e aliança, que implica a lógica do "fazer um de dois", converge -no período anterior aos séculos XVII e XVIII – com a abordagem do amor conjugal em termos de "amizade", consolidada ao longo do tempo, com a proibição do prazer e o temor da atração física. Tal forma de matrimônio consistia numa parceria baseada na conservação dos bens e da produção, com livre escolha e consentimento desde o século XII, embora a livre escolha continuasse a ser limitada pela família e pela comunidade durante vários séculos. Fundamentalmente, o amor era contingente, não era vivido como uma base sólida para a construção de projetos. A emergência do amor-paixão, no mesmo século, cujo paradigma é o amor cortês, estava condicionada à sua realização fora da união matrimonial.

Nesta organização familiar, as crianças cresciam entre adultos e em comunidade, ninguém estava sozinho.¹² A família era fortemente patriarcal, com predomínio da autoridade paterna e o pai exercia um papel semelhante ao de um rei, modelo de soberania.

No entanto, a partir do século XVIII, dá-se a **primeira revolução familiar**, sobretudo no seio da família burguesa europeia:¹³ O modelo do **casal companheiro baseado no amor**, com a idealização do

¹¹ “[...] parce que nous en retrouvons, dans la pensée analytique elle-même, partout la trace, tout ce que ce terme signifiant de la mère entraîne avec lui de pensée de fusion, de falsification de l’unité, en tant, qu’elle nous intéresse seulement, à savoir de l’unité comptable, de passage de cette unité comptable à l’unité unifiante... nous allons lui donner la valeur Un. Qu’est-ce que veut dire la valeur Un, comme unité unifiante? Nous sommes dans le signifiant et ses conséquences sur la pensée. La mère comme sujet, c’est la pensée de l’Un du couple. « Ils seront tous les deux une seule chair », c’est une pensée de l’ordre du grand A maternel”. “[...] porque encontramos o traço disso por toda a parte no próprio pensamento analítico, tudo o que esse termo significante da mãe traz consigo de pensamento de fusão, de falsificação da unidade, na medida em que só nos interessa, a saber, da unidade contável, da passagem dessa unidade contável à unidade unificadora ...vamos dar-lhe o valor Uno. O que significa o valor Uno, como unidade unificadora? Estamos no âmbito do significante e de suas consequências para o pensamento. A mãe como sujeito é o pensamento da unidade do casal. "Ambos serão uma só carne" é um pensamento da ordem do grande A materno". Lacan, J. *Seminário XIV*. Aula de 22 de fevereiro de 1967. Disponível em <http://staferla.free.fr/S14/S14.htm>. (Tradução nossa).

¹² No entanto, segundo Linda Pollok, apesar do cuidado escasso que as crianças recebiam em comparação com os tempos modernos (elevada taxa de mortalidade infantil), não está provado que não se gerasse um forte afeto materno e paterno-filial, como revelam a literatura popular e as canções, especialmente nas classes mais baixas, pelo menos a partir do século XV. Cf. Pollok, I. (1990). *Los niños olvidados*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica .

¹³ Esta tese é modulada por alguns autores, que analisam a emergência gradual e desigual deste modelo de família: Joan. Bestard objecta que a família individualista associada ao capitalismo é cronologicamente anterior e baseia-se no cristianismo, na sua moral sexual e no ideal procriativo. Bestard, J. (1991). La familia entre la antropología y la historia. *Revista de Sociología Nro 36*. P 79-91 Jack Goody considera que a ação da Igreja modelou uma sociedade familiar europeia a partir do século IV, com características inéditas: Proibição da

casamento, começa a ganhar terreno. Simultaneamente, há uma nova ênfase na individualização e na interiorização, exigência de autonomia pessoal e de vínculos voluntários. Para P. Aries¹⁴ e outros autores já referidos, o casamento por alianças e bens que se articulava com o já referido imperativo do "*duo in carne una*" combina-se, a partir do século XVIII, com a união baseada no ideal que impõe aos cônjuges amarem-se como se fossem amantes, incluindo a paixão amorosa que na retórica do amor cortês pressupunha a condição da infidelidade. Surge a exigência da conjugação do amor apaixonado com o amor conjugal e a durabilidade do casal aparece como um valor importante. A criança adquire um novo estatuto, a que Aries chama "sentimento de infância". Vários autores concordam que, já nos séculos XV e XVI, a infância começa a ser percebida como parte fundamental da vida, no contexto de uma crescente hipervalorização dos sentimentos no seio da família.

A valorização do amor materno começa a ser pronunciada e **a Identidade entre Mãe e Mulher é instituída** com Jean-Jacques Rousseau e Jules Michelet – que entende a relação mãe-filho com o modelo de dois em um. Desenvolve-se uma forte sacralização e santificação da mãe, que a psicanálise de Freud e dos seus seguidores irá, em certa medida, continuar. Em relação ao **pai**, a sua autoridade combina-se com a valorização crescente do seu amor.¹⁵ Para Charles Taylor,¹⁶ estas mudanças fazem parte de uma teologia da vida comum que se tornou muito forte sobretudo na Inglaterra e na França.

Surgem assim novos ideais que foram sustentados pela psicanálise freudiana e pós-freudiana seguindo o discurso comum da cultura moderna.¹⁷

adoção e do divórcio (que imperavam na Roma antiga), e da poligamia e do casamento no contexto do parentesco. A exogamia obrigatória introduzida nesta altura conduziu a heranças biológicas divergentes, ao contrário dos antigos sistemas de linhagem que mantinham os bens no seio do clã. Cf. Segalen, M. (1992). *Antropología histórica de la familia*. Madrid: Taurus. Já referimos que Stephanie Coontz observa que muitos historiadores fazem remontar os primeiros esboços do casal "companheiro", com a ênfase no amor como afeto e no individualismo, à ascensão do protestantismo. Cf. Cootz, S. Op. cit.

Yvonne Knibiehler também remete as origens deste tipo de família para a burguesia europeia dos séculos XV e XVI. Cf. Knibiehler, Y. (2000) *Historia de las madres y de la maternidad en Occidente*. Buenos Aires: Nueva Visión.

¹⁴ Cf. Aries, P. (2010). O amor no casamento. Em Phillippe Aries e André Béjin (eds.). *Sexualidades Occidentales*. Buenos Aires: Nueva Visión.

¹⁵ Na época vitoriana, acentuou-se também a divisão entre a esfera pública e a esfera privada, familiar e doméstica. Em Inglaterra, J. Ruskin desenvolveu a sua "teoria das duas esferas". As duas esferas opor-se-iam uma à outra. Enquanto mãe, a mulher domina o fluxo afetivo do agregado familiar, e esta função é idealizada, uma vez que desempenha a função de refúgio emocional e moral do exterior, enquanto o homem participa ativamente na esfera pública, económica e política. A diferença binária de género e o seu correlato de oposição entre atividade e passividade (em paralelo com a diferença entre esfera pública e esfera privada) são condições que marcam um tipo de relação entre os sexos e uma forma de pensar e sentir a família que é tida como essencial na teoria freudiana e nos desenvolvimentos pós-freudianos. Este modelo de família e de casal, que surge apenas na época vitoriana, permeia o pensamento da psicanálise em certas abordagens essencialistas da passividade e da atividade associadas à representação da sexualidade masculina e feminina.

¹⁶ Cf. Taylor, Ch. (2006). *Fuentes del yo*. Buenos Aires: Paidós. pp. 393 e ss.

¹⁷ No domínio dos estudos de género, foram desenvolvidas muitas análises críticas a este respeito. Um dos muitos exemplos é Valeria Pavan : O romance familiar freudiano pressupunha que o amor, o sexo e a paixão estavam inscritos no âmago da instituição do casamento. Esta conceção, paradigma da emergência da família afetiva, é baseada na organização de leis de aliança e de filiação, postulando ao mesmo tempo a proibição do incesto e a confusão das gerações; leva cada homem a descobrir-se possuidor de um inconsciente e, portanto, diferente do que pensava ser. Freud inventa uma estrutura psíquica de parentesco que inscreve o desejo sexual (libido) no coração da dupla lei da aliança e da filiação. [...] A partir do modelo edípico, a família torna-se uma organização originária da sociedade

Com o surgimento do amor materno como um novo conceito, segundo E. Badinter,¹⁸ inaugurou-se um processo de culpabilização das mães, que não existia antes, se havia amor, era sem culpa. Neste contexto histórico e discursivo, se inscreve a equiparação freudiana entre **mulher e mãe** na concepção do Édipo feminino, postulação que contribui para uma determinação particular de parentesco. Daí, conforme a ironia de Lacan, resulta que o marido conte como filho e a mulher deva tratá-lo bem. Surge também a responsabilização dos pais em geral pelo cuidado, a criança e a felicidade dos filhos, já que a felicidade individual mesma aparece como um novo valor. Ou seja, por um lado, o Estado retira a autoridade ao pai (declínio da figura paterna) e, por outro lado, considera a ambos os pais cada vez mais responsáveis pela infelicidade dos filhos.

É evidente que a psicanálise – enquanto teoria articulada a essas formações culturais relacionadas à ordem familiar – contribui enormemente para o processo de culpabilização e responsabilização dos pais pela vida mental dos filhos.¹⁹

A segunda revolução familiar e a psicanálise de Lacan

A partir de 1950 e das duas décadas seguintes, com o avanço do feminismo promovido por Simone de Beauvoir, "mãe não é igual a mulher". Na hipermodernidade, segundo Gilles Lipovetsky,²⁰ a partir dos anos 60, pronuncia-se a crítica ao rigorismo na educação e acentua-se o objetivo da felicidade imediata, da autonomia, do reconhecimento dos desejos e da singularidade pessoal. Registram-se menos casamentos, menos nascimentos, mais divórcios, mais uniões livres, formam-se famílias monoparentais e consolida-se o casamento igualitário, entre outras mudanças na vida familiar. Essas mudanças são o

civil e baseada em três fenômenos notáveis: -a revolução da afetividade, que exige a associação do casamento burguês ao sentimento amoroso e a expansão da sexualidade masculina e feminina; -o lugar preponderante atribuído à criança, cujo efeito é a maternalização da célula familiar e a prática sistemática de uma contracepção espontânea, que dissocia o desejo sexual da procriação e dá lugar a uma organização mais individualista da família. [...] Esta transformação da sexualidade e da forma de encarar a mulher e a criança no seio da família gerou uma ordenação sem precedentes das relações de aliança. A mulher não se reduziu ao papel de esposa e mãe, mas individualizou-se, a medida em que o acesso ao prazer distinguia-se da procriação. Cf. Pavan, V. (2005). Família postmoderna o contemporânea. Análisis a través de un recorrido histórico. <http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/documentos/EL001712.pdf>

¹⁸ Badinter, E. Op. cit.

¹⁹ Segundo J. Bestard, a única função que resta à família é a domesticação dos afectos e das paixões, uma vez que o Estado restringe os direitos legais e jurídicos do pai. Cf. Bestard, J. (1998). *Parentesco y Modernidad*. Buenos Aires: Paidós. M. Foucault também analisa esta variação histórica. Ele descreve como a família burguesa ainda é sustentada por um esquema de autoridade de tipo soberano que faz uma dobradiça com os novos dispositivos disciplinares: educação, psiquiatria, judiciário, etc., entendendo que a psicanálise pode cumprir a função de mais um dispositivo disciplinar. Cf. Foucault, M. (2005). *El Poder Psiquiátrico*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

²⁰ Lipovetsky, G. (2020). *De la ligereza*. Ed. Titivillus. ePub base r2. 1 pp 187-203: "Nem o romantismo nem a ideia do casamento baseado no amor desaparecem. Quanto menos peso têm as instituições, mais peso tem a afetividade na vida privada. A família torna-se um centro de afeto: a única instituição para a qual se declara a vontade de fazer sacrifícios. E a fidelidade persiste como um valor, revela-se nas estatísticas dos episódios trágicos".

efeito do crescimento e da autonomia individual em relação às instituições. O modelo do casal em estado de fusão, que **faz de dois: um** desaparece, em benefício de um paradigma conjugal que resgata a autonomia individual, mas sem erradicar o valor da intimidade, dos sentimentos e do afeto no seio da família.

É neste contexto que Lacan apresenta as suas novas ideias sobre a psicanálise. Em consonância com certas correntes de pensamento do seu tempo, como as posições feministas, a sua teoria **não define a mulher como idêntica à mãe**. Esta nova psicanálise participa de uma nova determinação do parentesco, que estipula, por exemplo, que as mulheres não devem ser **todas** mães, tendo em conta que as transformações sociais vão nessa direção?

Segundo Geneviève, Fraisse e Michelle Perrot²¹ já desde o século XIX e início do século XX, vai acontecendo uma diversificação crescente das identidades da mulher na sociedade ocidental: as mulheres ganham poder com o avanço do feminismo e, ao mesmo tempo, perdem-no através da reclusão, no caso das mulheres burguesas, devido à supervalorização da maternidade, que se acentua por volta de 1950. Ao mesmo tempo, o papel da mulher trabalhadora, que é também mãe e independente, é gradualmente reforçado, com consequências cada vez mais fortes na mudança de papéis na vida familiar atual.

Por outro lado, as tecnologias reprodutivas desde os anos 1990 e 2000 permitem diferenciar distintas identidades de mãe: a fornecedora de óvulos, a mãe de aluguel/mãe social-legal, etc. Algo semelhante acontece com o progenitor, o dador e o pai legal que fornece o sobrenome. Para Jacques Derrida,²² os poderes tecnocientíficos aceleram uma mutação na relação pai-mãe, que pronunciam o que ele chama de *la difference*: a mãe é uma mãe simbólica, substituível como o pai, diferente do pensamento de Freud, que sustenta a velha ideia de que a mãe é certa, e o pai incerto (não evidente). É possível afirmar neste ponto que Lacan está mais próximo do seu contemporâneo Derrida do que de Freud, se tivermos em conta as suas ideias na interpretação do PIC, onde se distingue o pai como genitor do Nome-do-Pai (que não se refere a nenhuma pessoa) e a mãe biológica da Mãe como encarnação do A (o conjunto de significantes que no final da análise é posto em função como *A*). E, ao mesmo tempo, esse Outro, encarnação do A – que segundo o PIC é denominado com o vocábulo “Outro” – inclui a dimensão histórica e se inscreve como uma articulação entre três gerações, **já que a repetição significativa é considerada como a repetição da falha entre várias gerações, onde pai, mãe, filho, avó, (escritos em**

²¹ Fraisse, G. e Perrot, M. (1993). Introducción del Tomo 4. Duby G. y Perrot M. *Historia de las Mujeres*. Madrid: Taurus.

²² Cf. Derrida, J. e Roudinesco, E. (2003). *Y mañana qué...* Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

minúsculas) são termos de uma trama textual.²³ Torna-se evidente, então, que esse Outro histórico é equivalente ao termo "Mãe", (grafado em maiúscula) sem ser necessariamente, em cada caso, a mamãe.²⁴ Este lugar pode ser ocupado por ambos os pais, um tio, uma instituição, etc., tal como formulado no PIC:

O antecedente lógico de todo o sujeito é a existência do A – tesouro e bateria do significante e sua lógica – e do Outro – encarnado em alguém e articulado, ao menos, a três gerações.²⁵

Para aprofundar este ponto, pode-se considerar que Lacan estabelece no Seminário XXIV que a estrutura da *lalangue* (Alíngua) é uma estrutura de parentesco.²⁶ Isto implica que num caso entendido como um texto clínico,²⁷ por exemplo, a mãe seja a avó (ou o avô), em vários sentidos. Poderia ser: a avó se fez de mãe ou a mãe repetiu a falha de sua mãe. Lacan, porque pensa como psicanalista, vai além de Derrida: a univocidade perde-se na articulação significante do texto clínico: **se a lei funciona, a mãe é e não é a mãe, ela é pelo menos duas, e o pai e a mãe podem contar como um ou dois ao mesmo tempo.**

É importante considerar que o PIC segue as definições de Subversão do Sujeito: Neste escrito o Pai é definido como o Representante original da autoridade da Lei,²⁸ que opera ao estabelecer que a Mãe, sujeito que é arrastado para ocupar realmente o lugar do Outro – como personagem da trama geracional, como grupo de parentes, como comunidade ou como instituição – não seja idêntica ao A como conjunto de significantes. Se essa identidade ocorre, entre o Outro e o A, a estrutura assume o aspecto de psicose, no campo da holófrase, segundo a proposta de Alfredo Eidelsztein.²⁹ J. Lacan chama esta apresentação

²³Programa de investigação científica da APOLa. Pontos a) c) e d) dos conceitos articulados. Disponível em: <https://apola.online/pdfs/PicEsp2023.pdf>

²⁴Ver Sarraillet, M. (2023). Estudios de parentesco y psicoanálisis. *El Rey está Desnudo*, Año 16, Nro. 20. Disponível em <https://elreyestadesnudo.com.ar/revistas/> pp. 186-87.

²⁵ Programa de investigação científica da APOLa. Alínea d) dos conceitos articulados. Disponível em: <https://apola.online/pdfs/PicEsp2023.pdf>.

²⁶ Lacan, J. (1974). *Seminário 24: L'insu* (Inédito). Disponível em <http://staferla.free.fr/>. Aula de 19 de abril de 1977.

²⁷ Tomamos a noção de texto-clínico no sentido de Haydée Montesano. Cf. Montesano, H. (2021). *El texto-clínico como género de discurso*. Buenos Aires: Letra Viva Ed.

²⁸ Cf. Lacan, J (2008). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano. Em *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo XXI Ed. p. 773.

²⁹ Cf. Eidelsztein A. (2001). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan. Volumen I*. Buenos Aires: Letra Viva.

da estrutura em que o transtorno se produz na articulação dos elementos significantes de tal forma que a partir de dois eles funcionam como um “sínfise³⁰ do código com o lugar do Outro”.³¹

Essa operatória ocorreria nos casos em que a pessoa ou as pessoas que ocupam o lugar da Mãe, como Outro, funcionam no texto-clínico em identidade com A, – como no caso do pai do presidente Schreber. A lógica que emerge nesse tipo de texto clínico pode depreender-se da falha da função do Nome-do-Pai, fazendo com que a palavra da Mãe (quem quer que ocupe esse lugar de autoridade) seja equivalente à palavra de Deus, ou seja, acredita-se que seja Deus. A tendência da cadeia significante é unificadora, o intervalo entre duas cenas não é estabelecido e podem ocorrer fenômenos de significação plena (ou vazia), sem as dobras, ambiguidades e falta de relação um a um entre significante e significado típicas dos casos em que opera uma lógica intervalar.

No post-scriptum “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, de 1958, a lei do significante é definida como tendo uma estrutura ternária.³² E no *Seminário 3*, em 1956, postula-se que o pai é um anel que mantém ligados mãe-criança e falo, como função que introduz uma ordem matemática, diferente da ordem natural, uma ordem que envolve **a ordenação da série de gerações**.³³ É evidente que a lei é expressa em termos matemáticos e a estrutura é revelada matematicamente. No caso da metáfora do anel como elo que transforma os quatro em um, Lacan configura uma formulação que antecipa desenvolvimentos posteriores sobre a cadeia borromeana, ou seja, uma inscrição da estrutura que envolve uma ordenação necessária entre os termos que a compõem. Neste caso, o Pai como anel não coincide com nenhuma pessoa, é a função que sustenta a ordem do encadeamento dos outros três elementos considerados como significantes. É também conhecida a acepção da noção de Nome-do-Pai como ponto de estofamento entre significante e significado, onde a relação entre ambos implica excesso, desproporção, falta, ou seja, não conta como identidade de um a um entre ambos ao modo do signo, como já mencionamos.

Sabe-se que Claude Levi-Strauss fornece a Lacan uma base teórica específica para a elaboração dessa proposta subversiva para a psicanálise. A este respeito, entre outras referências, Lacan afirma no *Seminário 6*, na aula de 10 de junho de 1959, que:

³⁰ Em anatomia, a sínfise ocorre quando há uma união de vários ossos ou tecidos. A metáfora mostra que essa alteração da estrutura significante implica alteração da articulação entre os termos união e não-diferenciação.

³¹ Lacan, J. (2008). Observación sobre el Informe de Daniel Lagache. Em *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo XXI Ed. p. 773. (Tradução nossa).

³² Cf. Lacan, J. (2008). De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de las psicosis. Em *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo XXI Ed. p. 552.

³³ Cf. Lacan, J. (1981). *El Seminario. Libro 3: Las Psicosis*. Buenos Aires: Paidós. pp.454-455.

[...] o desejo sexual está edificado sobre a ordem primordial das trocas que funda a lei pela qual o NÚMERO entra como tal, em estado vivo, na interpsicologia humana, isto é, a chamada lei da aliança e do parentesco.³⁴

Lacan, ao utilizar na sua elaboração teórica certos termos de parentesco desvinculados do seu significado ordinário, sem vinculação com as figuras pessoais e tomados como elementos ou elos de um conjunto articulado no sentido lógico-matemático, ataca o problema dos pressupostos naturalistas que são tacitamente sustentados em algumas concepções sobre a família em algumas perspectivas das ciências sociais e, sobretudo, o ponto de vista da psicanálise quando se trabalha com a teoria canônica do Complexo de Édipo.

Françoise Héritier, herdeira intelectual de Levi-Strauss, por exemplo, define a universalidade do parentesco ao afirmar como fatos antropológicos observáveis e universais que – como dado biológico e corporal – existem dois sexos e que a geração dos pais precede a dos filhos e que um filho nasce antes do outro,³⁵ questões que não são biológicas mas simbólicas, sobretudo de natureza matemática.

E no campo da psicanálise, referimos como exemplo de uma posição próxima do biologicismo, a Eric Laurent,³⁶ que formula uma oposição entre os termos de parentesco na família, pensada como um sistema de nomes que não consegue absorver o que ele chama de realismo do gozo, que, situado fora do sistema simbólico, é relativo ao corpo no sentido carnal.

A psicanálise de Lacan, então, se constrói ao deixar cair as concepções naturalistas e talvez biologistas de Levi-Strauss e seus discípulos, para resgatar como ferramenta teórica sua noção de estrutura pensada em termos matemáticos.

Este ponto de vista é claramente sustentado em diferentes momentos da sua proposta teórica: na sua conferência em St. Anne, a 1 de junho de 1972, Lacan define a família segundo o sentido que tinha na Roma antiga: como um rebanho de escravos. Se o pai carnal impacta e/ou deixa de impactar, afirma, mencionando o já referido declínio ou falta da figura paterna, isso não impede que outro ou outros tenham um impacto na família, trata-se da função de fundar um Uno, mas articulado como termo das 4

³⁴ Lacan, J. (2014). *El Seminario. Libro 6: El deseo y su interpretación*. Buenos Aires: Paidós. p. 477. (Tradução nossa).

³⁵ "É evidente que tanto para a construção dos sistemas de parentesco (terminologia, filiação, aliança) como para as representações do gênero, pessoa e procriação, tudo parte do corpo, de unidades conceituais inscritas no corpo, no biológico e no fisiológico, observáveis, reconhecíveis, identificáveis em cada tempo e lugar. Estas unidades se ajustam e recompõem segundo várias formas lógicas possíveis, mas também possíveis porque pensáveis, segundo as culturas. A inscrição na biologia é necessária, mas não existe uma tradução única e universal destes dados elementares". Héritier, F. (1996). *Masculino/Femenino. El pensamiento de la diferencia*. Barcelona: Ed. Ariel. pp. 21-22. (Tradução nossa).

³⁶ Cf. Laurent, E. (2005). Los nombres del parentesco. Em *Piezas Sueltas*. Buenos Aires: Paidós.

fórmulas da sexuação: pelo **menos um que diga não**. É precisamente uma função necessária para que um **todo** se sustente, na articulação do texto-clínico, pensado com o modelo do estabelecimento dos diferentes valores que satisfazem qualquer função lógico-matemática: se para todo o x $f(x)$, a sucessão dos valores que resultam dos significantes que vão no lugar de x consolida uma série repetitiva sustentada no "ao menos um" que não cumpre essa função, que pode imaginarizar-se em qualquer Ideal que se sustente em termos de excepcionalidade.³⁷

Mas Lacan também joga com o equívoco de fundar/fundir dois em Um, expressão com a qual também interpreta frequentemente o *Eros* freudiano:

[...] que gostaria de falar sobre esse tema com vocês. Mas eu tive uma boa, e já que fazem troça, vou dizê-la de todo jeito: é o papel do e-Pater. Tem-se discutido muito sobre a função do "pater familias". Temos que nos concentrar mais no que podemos exigir da função do pai: fizemos tanto alarido sobre a falta do pai! Há crise, isso é um fato, e não é de todo falso: o e-Pater já não nos espanta. É a única função verdadeiramente decisiva do pai. Já disse que não é o Édipo, que está ferrado, que se o pai fosse um legislador, teríamos o Presidente Schreber como filho. Nada mais. Em todo o caso, o pai é o que tem que impactar à família. Se o pai já não tem impacto na família, é claro... mas encontraremos algo melhor! Não tem de ser o pai carnal, há sempre um que vai *e-pater* [impactar] à família, que toda a gente sabe que é um rebanho de escravos. Há outros que impactaram... Como vêem, a língua francesa pode ser utilizada para tantas coisas. Expliquei-o da última vez, comecei com um truque: *fondre ou fonder d'eux un*, no subjuntivo é o mesmo, para *fonder* [fundar] é preciso *fondre* [fundir].³⁸

Em “Televisão” de 1974, afirma que:

A ordem familiar traduz apenas que o Pai não é o genitor, e que a Mãe continua contaminando a mulher para a procriação do homem; o resto decorre daí.³⁹

³⁷ Cf. Sarraillet M. Comentario acerca de las cuatro fórmulas de Lacan. En Castelli, P.; Mascheroni, G.; Villa Pusineri, R.; Sarraillet, M. y Zaratiegui, J. (2020). *La mujer y lo femenino*. Buenos Aires: Prometeo. pp.237 e ss.

³⁸ Lacan, (1972) J. *Seminário 19 B: El saber del psicoanalista*. Disponível em <http://staferla.free.fr/>. Há uma versão em espanhol desta conferência em Lacan, J. (2012). *El Seminario. Libro 19*. Buenos Aires: Paidós. p. 204. (Tradução nossa).

³⁹ Lacan, J. (2012). *Televisión*. Em *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. p. 558. Outra tradução possível seria: “A ordem familiar não é mais do que traduzir que o Pai não é o genitor, e que a Mãe permanece para contaminar a mulher pelo bem do homenzinho; o resto segue:

É notável a insistência de Lacan em delimitar o familiar como ordem, e a necessidade de sublinhar, mais uma vez, a diferença entre a função do Pai (Nome-do-Pai) e do progenitor, e também a duplicidade Mãe/mulher, o que implica que este termo nem sempre conta no seu sistema teórico como uma unidade totalizante.

Esta última distinção é apresentada a propósito de um outro tema do *Seminário do RSI*, quando Lacan observa que há mais do que uma origem para a descoberta do inconsciente e localiza essa origem no século XIX,⁴⁰ dominado pela ação da Rainha Vitória (uma entre outras, diz ele). Talvez Lacan pretenda destacar, entre outras coisas, que a psicanálise surge com Freud num clima social dominado por esta Rainha, que encarnou com sua família o ideal da primeira revolução familiar – como defendemos anteriormente: companheirismo, dever, trabalho, rigidez e uma hipervalorização da instituição da família regida por fortes valores morais. A Rainha teve nove filhos e manteve ao longo da sua vida pública um olhar de extrema admiração, idealização e respeito pelo seu marido, o Príncipe Albert, que participava ativamente das decisões administrativas do reino. A outra face desta política, no entanto, era a voz da Rainha, que revelava uma duplicidade em seu discurso. Está documentado que ela assinava algumas cartas aos seus conselheiros com uma expressão paradoxal: "Vossa Realeza e eu", segundo Lytton Strachey.⁴¹ De acordo com este biógrafo – cuja obra é muito recomendada por Lacan – a rainha lembrava repetidamente que "era também uma mulher". Esta duplicidade pode ser pensada segundo a mesma estrutura da "Mulher contaminando a Mãe" ou do inconsciente entendido e definido por Lacan como "Deus não acredita em Deus".⁴² Esta posição da Rainha articula o ser ao não-ser, numa lógica de impureza, que poderia ser pensada em termos de ser-não-toda Rainha?

No texto conhecido como "O mal-entendido", datado de 10 de junho de 1980, e consignado como uma aula do *Seminário 27 (Dissolução)*, encontramos de novo o acento colocado no número com referência à ordem familiar:

L'ordre familial n'point que traduire q le Pere n'est pas le géniteur, et q la Mère reste contaminer la femme pour le petit d'homme; le reste s'ensuit".

⁴⁰ Lacan, J. (1975). *Seminário XXII: RSI*. Inédito. Aula de 11 de fevereiro de 1975. Disponível em <http://staferla.free.fr/>

⁴¹ Strachey, L. (2014). *Reina Victoria*. Buenos Aires: El Ateneo.

⁴² "[...] em primeiro lugar, nas minhas primeiras afirmações para caracterizar o inconsciente de FREUD, havia uma fórmula à qual regresssei várias vezes... que por acaso avancei em Sainte-Anne, que é esta: "Deus não acredita em Deus". Dizer "Deus não acredita em Deus" é dizer exatamente o mesmo que dizer "aí está o inconsciente". Claro que, dada a ordem do público, psicanalistas como eram conhecidos neste momento, não teve qualquer efeito". Lacan, J. (1974). Aula de 21 de maio de 1974. Em *Seminário XXI: Les non-dupes errent*. Inédito. Disponível em <http://staferla.free.fr/> (Tradução nossa).

O *parlêtre* divide-se em dois falantes que não falam a mesma língua, dois que não se ouvem falar, dois que se conjuram para a reprodução, mas a partir de um mal-entendido consumado que o seu corpo vai transmitir com a dita reprodução [...] **O princípio só se inscreve no simbólico. É o caso do chamado princípio da família.**⁴³

Para concluir, é relevante rever como Lacan trabalha a estrutura da **ideia** de casal, no decorrer do *Seminário 14* de 1966-67,⁴⁴ quando apresenta a lógica da trama textual, como uma versão inovadora da repetição da cena "edípica". No decurso deste seminário, propõe pensar o problema de novo em termos matemáticos, com o modelo da proporção áurea. Esta proporção, conhecida como "média e extrema razão", ocorre quando se verifica a seguinte propriedade entre dois termos (que podem ser representados como dois segmentos de uma reta): a relação entre o termo maior e o menor é igual à relação entre a soma dos dois termos e o termo maior. Por exemplo: $8/5=13/8$. Na série matemática conhecida como "série de Fibonacci", a sequência implica que, a partir do número 2, cada número é a soma dos dois anteriores: 2,3,5,8,13... Nesta sequência, o resultado da divisão do número seguinte pelo anterior tende a aproximar-se cada vez mais do número conhecido como o número áureo: 1, 618... Este número irracional apresenta-se como incomensurável, ou seja, os decimais nunca cessam de ser escritos, é impossível chegar ao fechamento de uma unidade.

Com este modelo, Lacan propõe a escrita da proporção entre 1 (Um) e o termo *a* (de valor 0,618...) onde o termo "Mãe" se inscreve como **pensamento do Um** do casal em psicanálise, como mencionado anteriormente. A lógica da uma só carne, já referida, figura na história da psicanálise como **simbiose ou fusão mãe-filho**. Como já assinalado, ocorre um deslocamento semelhante ao sucedido na história do pensamento ocidental, do fazer de dois (2) um (1) figurado pelo casal Adão e Eva, até à relação entre a Virgem e o menino (mãe e filho), também descrita na história da iconografia cristã. Na proporção áurea,

⁴³ "Desejado, ou não -é a mesma coisa, uma vez que é para o parlêtre. O parlêtre em questão é geralmente dividido em dois falantes: -dois falantes que não falam a mesma língua. -Dois que não se ouvem falar um ao outro. -Dois que não se ouvem de todo. -Dois que se conjuram com a reprodução, mas que, por um mal-entendido consumado, serão transmitidos pela dita reprodução. Admito que a linguagem pode ser utilizada para uma comunicação sensata. Não digo que seja o caso deste seminário. Pela boa razão de que a comunicação sensata é diálogo e, quando se trata de diálogo, não sou mimado. Acrescentaria que não considero que a comunicação científica seja diálogo, uma vez que não é pensamento, o que é uma vantagem. O diálogo é raro. Quanto à produção de um novo corpo de oradores, é tão rara que está de fato ausente. Não está ausente em princípio, mas o princípio está apenas inscrito no simbólico. É o caso, por exemplo, do chamado princípio da família. Sem dúvida, sempre foi previsto. Tanto assim que o inconsciente foi considerado como o conhecimento de Deus. No entanto, o que distingue o conhecimento dito inconsciente do conhecimento de Deus é que este último era suposto ser para o nosso próprio bem. É isto que não pode ser sustentado. Daí a pergunta que formulei: Deus acredita em Deus? Como de costume, quando faço uma pergunta, é uma pergunta-resposta". Lacan, J. (1980). *Seminário 27: A dissolução*. Aula de 10 de junho de 1980. O mal-entendido. Disponível em <http://staferla.free.fr/> (Tradução nossa).

⁴⁴ Cf. Lacan, J. (2023). Aulas de 22 de fevereiro de 1997 e 01 de março de 1967. En *El Seminario. Libro 14*. Buenos Aires: Paidós.

então, Mãe se escreve 1, como parte de uma estrutura de quatro (4) elementos na qual opera a repetição $1+a=1/a$ (onde a vale=0, 618...um irracional incomensurável, impossível de terminar de escrever). O produto da operação, pensada como repetição significativa, é equivalente ao sujeito como resto: o objeto a , na articulação do desejo do Outro como desejo parental $1+a/1= 1/a.= 1,618...$ **não há** ato sexual (proporção) porque há resto, objeto a : "Uma só carne" **como equivalente a fazer de dois, um, opõe-se** ao que Lacan designa por **ausência de relação-proporção sexual**; uma vez que o sexo introduz a diferença radical, que impede – salvo nos casos de holófrase – que o significante signifique a si mesmo no texto clínico, favorecendo a inscrição da diferença na repetição da cena "edipiana", na ordem das gerações.

Como conclusão, pode-se estabelecer que a teoria de Lacan sobre a instituição familiar, a família-casal e a parentalidade não determinam parentesco (como uma forma estandardizada e naturalizada à maneira da teoria edípica de Freud, que contribuiu para a consolidação de um modelo de família que tende a ser considerado natural). Família-casal-relação pai/filho em Lacan são termos de laços interpretados em função da estrutura do texto-sujeito nas suas articulações lógico-matemáticas: articulação entre o um-dois/ pensamento do um/ um e resto incomensurável, três e um que enoda, estrutura ternária-quaternária, existe ao menos um, etc. A ordem familiar se inscreve como uma ordem vazia de conteúdo, na qual participam os personagens-significantes no desdobramento do texto clínico em cada caso em que opere a lei que implique estrutura intervalar, ou seja, os textos articulados na lógica da neurose. Neste contexto, fica claro que os elementos consignados com letra maiúscula, tais como Mãe, Nome-do-Pai ou Falo, são funções que na estrutura da cadeia significante inscrevem, em sua inter-relação, a operatória desta lógica.

BIBLIOGRAFIA:

1. APOLa. (2023). *Programa de investigação científica em psicanálise*. Disponível em: <https://apola.online/pdfs/PicPor2023.pdf>
2. Aries, P. (2010). El amor en el matrimonio. Em Phillippe Aries y André Béjin (dir). *Sexualidades Occidentales*. Buenos Aires: Nueva Visión.
3. Badinter, E. (1981). *¿Existe el amor maternal?* Barcelona: Paidós.
4. Bestard, J. (1998). *Parentesco y Modernidad*. Buenos Aires: Paidós.
5. Bloom, H. (2005). *¿Dónde se encuentra la sabiduría?* Buenos Aires: Taurus.
6. Boas, F. (1981). *Adolescencia y Cultura en Samoa*. Margaret Mead. Prefacio. Buenos Aires: Paidós.
7. Coontz, S. (2006). *Historia del Matrimonio*. Barcelona: Gedisa.
8. Derrida, J. e Roudinesco, E. (2003). *Y mañana qué*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
9. Duby, G. e Perrot, M. (1993). *Historia de las Mujeres*. Madrid: Taurus. Tomo 4. Introducción.
10. Eidelsztein, A. (2001). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan. Volumen I*. Buenos Aires: Letra Viva.
11. Foucault, M. (2005). *El Poder Psiquiátrico*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
12. Hérítier, F. (1996). *Masculino/ Femenino. El pensamiento de la diferencia*. Barcelona: Ed. Ariel.
13. Knibiehler, Y. (2000). *Historia de las madres y de la maternidad en Occidente*. Buenos Aires: Nueva Visión.
14. Lacan, J. (1973-74). *El Seminario. Libro 21: Les non-dupes errent*. Inédito.
15. Lacan, J. (1974-75). *El Seminario. Libro 22: RSI*. Inédito.
16. Lacan, J. (1976-77). *El Seminario. Libro 24: L'insu...* Inédito.
17. Lacan, J. (1980). *El Seminario. Libro 27: Disolución*. Aula de 10 de junho de 1980. El Malentendido. Disponível em <http://staferla.free.fr/>
18. Lacan, J. (1981). *El Seminario. Libro 3: Las Psicosis*. Buenos Aires: Paidós.
19. Lacan, J. (1984). *El Seminario. Libro 2*. Buenos Aires: Paidós.
20. Lacan, J. (2008). De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis. Em *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo XXI Ed.
21. Lacan, J. (2008). Observación sobre el Informe de Daniel Lagache. Em *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo XXI Ed.
22. Lacan, J (2008). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano. Em *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo XXI Ed.
23. Lacan, J. (2012). *El Seminario. Libro 19: ... o peor*. Buenos Aires: Paidós.
24. Lacan, J. (2012). Televisión. Em *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós

25. Lacan, J. (2014). *El Seminario. Libro 6: El deseo y su interpretación*. Buenos Aires: Paidós.
26. Lacan, J. (2023). *El Seminario. Libro 14: La lógica del fantasma*. Buenos Aires: Paidós.
27. Laurent, E. (2005). Los nombres del parentesco. Em *Piezas Sueltas*: Buenos Aires: Paidós.
28. Lipovetsky, G. (2007). *La Tercera Mujer*. Barcelona: Anagrama.
29. Lipovetsky, G. (2020). *De la ligereza*. Ed. Titivillus. ePub base r2.
30. Montesano, H. (2021). *El texto-clínico como género de discurso*. Buenos Aires: Letra Viva Ed.
31. Pollok, L. (1990). *Los niños olvidados*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica.
32. Sarrailet, M. (2020). Comentario acerca de las cuatro fórmulas de Lacan. Em Castelli, P.; Mascheroni, G.; Vila Pusineri, R.; Sarrailet, M. y Zaratiegui, J. *La mujer y lo femenino*. Buenos Aires: Prometeo Editorial.
33. Sarrailet, M. (2023). Estudios de parentesco y psicoanálisis. Em *El Rey está Desnudo*. Año 16 Nro. 20. Disponible em <https://elreyestadesnudo.com.ar/revistas>.
34. Segalen, M. (1992). *Antropología histórica de la familia*. Madrid: Taurus.
35. Strachey, L. (2014). *Reina Victoria*. Buenos Aires: El Ateneo.
36. Taylor, Ch. (2006). *Fuentes del yo*. Buenos Aires: Paidós.

MARÍA INÉS SARRAILET

Psicanalista. Sócia da APOLa La Plata.

E-mail: marisarra1@hotmail.com